

COMO GERAR TALENTOS MULTIPLICADORES INDÍGENAS ATRAVÉS DE OFICINA DE SUSTENTABILIDADE

Flávio de São Pedro Filhoⁱ

RESUMO. Este artigo trata de orientação para construção de talentos multiplicadores entre os povos da Floresta Amazônica, através de jogos imaginários. Propõe-se o desenvolvimento de habilidades indígena por intermédio de tratamento de correlação. Neste trabalho é considerada a referência dos Ashaninkas para elaboração de conceitos de sustentabilidade, útil na melhoria da qualidade de vida nas diversas tribos Amazônicas. É proposta a criação de cenário, inclusão individuais e grupas, levantamento de proposições e acompanhamento do desenvolvimento destas habilidades que não devem contrariar a cultura e a tradição dos envolvidos.

Palavras Chave. Desenvolvimento de pessoa. Imaginário. Construtivismo. Jogo cognitivo.

ABSTRACT. This article is a guide to building talent multipliers between the peoples of the Amazon rainforest, through imaginary games. It is proposed the development of indigenous skills through treatment of correlation. This work is considered the reference to the Ashaninka development of sustainability concepts, useful in improving the quality of life in various Amazonian tribes. It is proposed that scenario, including individuals and groups, removal of proposals and monitoring the development of these skills must not conflict with the culture and traditional involved.

Keywords. Developing person. Imaginary. Constructivism. Cognitive Game.

24

1. Introdução

O presente estudo é voltado para a construção de oficina prática direcionada à sustentabilidade induzida. Aqui é tomado o modelo desenvolvido pelos Povos *Ashaninka*, descendentes diretos dos Incas, que habitam terras situadas desde o Peru, até o extremo do Estado do Acre no Brasil. Nesta oficina, a apresentação das tarefas pela sustentabilidade praticada entre aqueles indígenas tem por objetivo abrir entendimento nos atores presentes, para então levantar a

realidade dos povos da Floresta na Amazônia Ocidental Brasileira. A expectativa é o conhecimento de como produzir alimento em uma Reserva demarcada, mediante uma atitude preservacionista e conservacionista sem alterar os atributos tradicionais da cultura *Tupy*.

Ocorre que a relação das Ciências Sociais Aplicadas com a Ecologia traz uma questão pendente de resolução objetiva: como explorar sem degradar? Um caminho para algum resultado concreto poderá ser o tratamento nas ciências substantivas, como a Administração de Sistemas Auto-Sustentáveis, tratada em PEDRO FILHO (2007); refere-se à obra inédita, em fase de preparação, a ser apresentada na Diretoria de Investigación da UAA - Universidad Autónoma de Asunción, na Linha de Pesquisa de Empresas Familiares, do Curso de Doutorado em Gestão de Empresas, do convênio daquele Centro de Excelência com a Universidade Federal de Rondônia. No entorno desta abordagem está, dentre outras, a interpretação da etnobiologia (etnobotânica e etnozologia) em construção metodológica especialmente edificada para o lançamento de um olhar crítico na temática.

2. Justificativa

25

O consumo sustentável é um dos pontos sensíveis no envolvimento do homem com o meio ambiente de onde ele retira o seu sustento de forma progressiva. Nesta estrada de entendimento haverá de ser registrado que os Povos da Floresta sempre viveu livre na Região da Amazônia Ocidental, em um espaço amplo da biodiversidade intacta existente no início. Hoje, este povo encontra-se retido em Reservas Indígenas, como aquela assentada entre os atuais Municípios de Cacoal no Estado de Rondônia, e Rondolândia no vizinho Estado de Mato Grosso. Ali a relativa autenticidade clânica vem sendo mantida em função de severas lutas travadas sob diversas fases desde a chegada do desbravador na Região der Cacoal.

Ocorre que estes clânicos foram envolvidos em uma estratégia não bem interpretada, no que se refere ao seu sustento alimentar na geografia

demarcatória. O organismo controlador que tutela os indígenas brasileiros os conduziu a uma nova dieta baseada em consumo de carne bovina com macarrão, feijão, arroz, biscoito, açúcar e outros nutrientes que não faziam parte do seu hábito cotidiano. Esta situação nova, além de refletir na sua compleição física, pois poderá torná-los indivíduos obesos, os estimula a plantar e colher com um esforço similar ao dos não-índios. Passam ainda a não mais dispor de tempo para a atividade de caça e pesca, enquanto a vida livre na selva segue em declínio.

Antes que seja extinta a sua tradição cultural alimentaria básica, é possível devolver algumas habilidades apoiadas na sustentabilidade induzida, desde que resgate os seus hábitos e costumes autênticos para o aprendizado das próximas gerações; relatos próprios, descritiva na linguagem materna, designativos do entendimento comum e registro na expressão tradicional poderiam ser alguns dos artefatos válidos.

Por este arrazoado é que se propõe construção de Oficinas de ensino-aprendizado envolvendo os professores indígenas como multiplicadores do seu próprio saber. A perspectiva é, conhecendo a forma, os agentes possam levantar e restaurar de modo a praticar uma tradição relegada a partir da mescla acidental que se abateu sobre os Povos Tradicionais. E os *Ashaninkas* poderiam apontar algumas técnicas não para que sejam copiadas, mas para que possam despertar o ressurgimento desta tradição esquecida sobre o manejo e gestão do espaço produtivo dos Senhores da Natureza.

3. Revisão teórico-conceitual

A etnicidade em DESCOLA & PÁLSSON (1996) vem sendo tratada pelo confronto da relação das comunidades com a natureza. Esta visão, sem precedente na relação da gestão ambiental deverá qualificar, reconstituir e prover práticas espontâneas nos espaços exóticos, possibilitando a troca de saberes sem deformar a origem. E também evitará a degradação das florestas, trazendo uma ação exploratória compatível, racional e disciplinada, enquanto afasta as acusações de que os indígenas estão deplorando as matas onde vivem.

Ao investigar a relação entre ecologia e a sociedade dos excluídos, ALIMONDA (2005) deixa claro que os tradicionalmente pobres são acusados por destruir o seu entorno com os seus sistemas produtivos indisciplinados. Para o autor, as modernas sociedades culpam equivocadamente as vítimas pela sua própria falta de progresso. Mas a realidade é que a exclusão das minorias os fragiliza no discurso sobre o resultado do seu desempenho. Como terão que se alimentar, inexistiria alternativa outra senão a de explorar a disponibilidade existente no seu entorno ambiental. Não é diferente a exploração de uma Reserva Indígena, quando o habitante que era tradicional nômade, se vê alijado da liberdade de expansão de suas fronteiras extrativas. Uma área de aproximadamente duzentos mil hectares é ampla o suficiente para sustentar uma cadeia alimentar para aproximadamente mil e duzentos indivíduos indígenas, na condição primária de caça, pesca e extração de frutos e raízes selvagens? Se for possível, qual o prazo para este abastecimento? Como é avaliada a destruição decorrente dos agrotóxicos aplicados na exploração agroindustrial estabelecida no entorno desta Reserva?

Para RIBEIRO (2000), os povos clânicos estão na busca de equilíbrio, tendo indicado GROSS (1975) e MAGGERS (1977) ao explicitar os mecanismos culturais que maximizam o rendimento da alimentação adotando os seguintes sistemas lógicos: preservar pequenos espaços ou adotar fissão no aldeamento; dispersão da comunidade para evitar superpopulação; separação de áreas para reprodução de espécimes; mobilizar a aldeia para impactar a superpopulação, e nessa situação se faz nômade. Estas técnicas foram sendo banalizadas a partir do assistencialismo colonialista na Região Amazônica, conforme focaliza PEDRO FILHO (2007) no seu apanhado sobre a cultura do Residente na Floresta. E nos dias atuais resta compreender a mescla no sistema de produção do alimento, uma vez identificada certa cultura *cabocla* entre os tribais, pois o Povo *Tupy* desenvolve algumas técnicas próprias de manejo para obtenção e consumo dos seguintes saberes:

Quadro 1: Saberes etnobotânicos alimentares do Povo *Tupy*.

Ordem	Nome etnobotânico (Nome científico)	Representação funcional
1	Amendoim (Arachis hypogaea)	Grão de excelente sabor, comestível assado ou cozido.
2	Banana (Musa paradisíaca, M. Sapientum)	Fruto selvagem rico em vitaminas.
3	Cacau (Theobroma sp.)	Fruto selvagem rico em proteínas e vitaminas.
4	Cará (Dioscorea sp.)	Tipo de batata selvagem comestível assada ou cozida, rica em proteínas e vitaminas.
5	Feijões (Phaseolus sp.)	Leguminosa rica em proteínas.
6	Mandioca (Manihot esculenta)	Raiz comestível assada ou cozida, útil no preparo da farinha rica em proteínas.

Fonte: Roberto, Berta G. (2000). *O índio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Berta G. Ribeiro.

No ponto de vista do sistema cultural alimentar, RIBEIRO (2000) evidencia a miscigenação entre as práticas desenvolvidas pelos indígenas *tupis* das regiões litorâneas, com alguma adaptação a técnicas dos silvícolas amazônicos. Na região da Ilha de Marajó, por exemplo, ele afirma que essas técnicas foram comparadas e, pelo seu modelo artístico, podem ser consideradas similares às praticadas da Região do Caribe. Na Região da Amazônia Ocidental, dados obtidos sobre o *front* agrícola praticado pelos *tupis*, apontam que a migração nordestina para a sua vizinhança não alterou o adaptativo *caboclo* da Região. Eles adotam a *coivara* na terra e plantam a mandioca, banana, cará, amendoim e outras derivações alimentares utilizando das mesmas técnicas que sempre foram praticadas pelos migrantes nordestinos que se avizinham às aldeias. O sistema agrícola apreendido por eles adveio da Região do Caribe, dos *tupis* litorâneos que fugiram

para a Amazônia ou da mescla aprendida dos novos vizinhos? Necessário compreender o processo.

4. Retomada das práticas do Povo Tupy na Amazônia Ocidental e os objetivos das oficinas

Os saberes do Povo Tupy poderão estar sendo explorados através de manejo autóctone, em processo de aprendizado transferido pelas lideranças clânicas aos professores indígenas, que irão compor textos na língua materna e repassar para as gerações alfabetizadas futuras. Desde que apoiado na legislação pertinente e com orientação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais renováveis, o estudo do manejo de animais selvagens poderia ser providenciado. São reais os benefícios oriundos de estruturas de chocadeiras tribais ou manuseio livre, mediante autorização legal, para produção de ovos de aves como jacutinga (*Pipile jacutinga*), jacu-cigano (*Opisthocomus hoazin*), macuco (*Tinamus solitarius*), jacamim-das-costas-verdes (*Psophia viridis*), perdiz (*Rhynchotus rufescens*), codorna ou codorniz (*Coturnix coturnix*); e répteis úteis para alimentação clânica como jacaré (*Alligatoridae*), tartaruga (*Chelonioidae*), dentre diversos outros dos sistemas produtivos em cativeiro na própria aldeia. Descerá ainda nesta conceituação interpretativa a possibilidade do criatório de porco-do-mato ou queixada (*Tayassu pecari*), anta ou tapir (*Tapirus terrestris*), Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), cutia (*Dasyprocta aguti*), tatupeba (*Euphractus sexcinctus*), veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) e demais mamíferos da cadeia alimentar cotidiana desse povo. E o serviço público de educação indígena poderia trazer os seus capacitadores para materializar o sucesso dos resultados.

4.1 Objetivos das Oficinas de Sustentabilidade

A lógica do etnodesenvolvimento é dirigida para a oportunidade técnica com um objetivo geral e quatro objetivos específicos. Como objetivo geral merece

apontar a concretização de oficina didática aos professores indígenas e demais interessados, o conhecimento das práticas do Povo *Ashaninka*, *descendente direto dos incaicos*, de modo a levantar a realidade própria do Povo *Tupy*, avaliar a sua operacionalidade, gestão e manejo da produção vegetal e animal mediante a sustentabilidade; para o sucesso dos resultados se recomenda como objetivos específicos os seguintes: (1) Conhecer as práticas de sustentabilidade do Povo *Ashaninka*; (2) Abrir entendimento das práticas do Povo *Tupy*; (3) Construir texto de orientação técnica-pedagógica de gestão da sustentabilidade para a atividade de ensino-aprendizado; (4) Oferecer relatório de resultado deste processo de intervenção para as melhorias futuras.

5. Metodologia e procedimentos ideais para uma oficina de sustentabilidade

O processo de intervenção para o sucesso na abordagem do etnodesenvolvimento ainda carece de modelagens teóricas e conceituais próprias. Porém o método construtivista, de natureza qualitativa, com uma abordagem exploratória e descritiva seria o mais conveniente dos métodos para envolvimento do saber entre os Povos da Floresta; isso em função da realidade como reclusos da organização estatal controladora, com tradição que deverá ser preservada, e uma cultura a ser aparada com a devida atenção e respeito. Este método estará apoiado nas Ciências Sociais Aplicadas à Administração de Sistemas Auto-Sustentáveis, e alguns procedimentos são recomendados, como: (1) Projeção de imagens através de vídeo e PowerPoint, de modo a prover o conhecimento vulgar e construir conhecimento científico; (2) Formação de grupos multiplicadores para discussão em mesa redonda, a fim de levantar e apropriar práticas no manejo sustentável nas tribos, com a presença das lideranças tribais; (3) Preparação de textos sobre sustentabilidade na língua portuguesa com tradução para a língua tribal, viabilizando artefatos de saber, como livros, apostilas, textos e outros; (4) Apresentação dos trabalhos da mesa redonda, expresso na Língua materna, com tradução simultânea na língua portuguesa, possibilitando críticas e ajustes.

6. Construção do cenário cognitivo para a oficina

Para a realização de uma tarefa válida, seria necessária a montagem de um cenário especial. Propõe-se a aplicação dos procedimentos durante uma semana, sendo oito horas por dia; o local da oficina deverá estar livre de interferências, sendo sempre recomendado que as reuniões de trabalho sejam efetuadas na própria tribo. Algumas recomendações são registradas para julgamento sobre os efeitos de um trabalho responsável envolvendo a gestão da sustentabilidade entre os Povos da Floresta. A observação da realidade do residente permite recomendar o seguinte: (1) dissolver as correntes mentais ou conjunto de experiências negativas que bloqueiam o indivíduo, constituindo-se em obstáculos para o seu etnodesenvolvimento e prosperidade do indígena; (2) considerar os *constructos* formais oferecidos pelos líderes tribais; (3) obter apoio das organizações controladoras para evitar conflito de ideologia e de políticas institucionais; (4) para a materialização da oficina de sustentabilidade, reunir técnicas de *empowerment* e de *learn organization* sugeridas por Peter Senge; (5) apoiar-se na andragogia ou ensino de adultos para geração de conceitos válidos; no caso da Amazônia Ocidental, é imprescindível o afastamento do “Anhangüera” instalado entre os povos da Floresta, de modo a possibilitar a manutenção da sua tradição e da sua cultura originária, condição básica para o etnodesenvolvimento e o progresso com endogenia.

No encerramento da oficina, algumas indagações deverão estar definidas pelos atores residentes, como: quais os atrativos naturais e como o Povo da Floresta presente na oficina interpreta o seu meio ambiente; como atender às exigências legais para o manejo de animais e plantas na tribo; quais as técnicas que as lideranças consideram para a prática tribal; quais os tipos de animais que poderiam ser criados em cativeiro, bem como a forma de manejo; quais os tipos de vegetais que poderiam ser cultivadas em hortas domésticas na tribo; como seriam estocados os excedentes no caso de super-produção; como poderia ser repartida a produção e os resultados entre as demais tribos

O cenário requer equipamentos *datashow* com multimídia, em uma infraestrutura adequada previamente organizada para instalação de computador, uso de DVD, som e iluminação necessária. O cenário proposto em GRAMIGNA (2007) é constituído de:

Quadro 2: Cenário cognitivo para desenvolvimento de habilidades indígenas.

Ordem	Componentes do cenário	Atividade a realizar
1	Vivência no jogo	Atividades lúdicas de interesse dos indígenas presentes. Recomenda-se utilizar como recurso a musicalidade, dança e arte segundo a tradição da tribo participante.
2	Relato	Momento em que cada participante expõe o seu entendimento sobre experiências vivenciadas. Recomenda-se utilizar como recursos a simbologia e o imaginário de cada indivíduo relator.
3	Processamento	Momento em que cada integrante passa a tratar as suas dificuldades e a forma de como imagina ser possível solucionar possíveis problemas considerados. Recomenda-se utilizar como recurso o <i>brainstorming</i> para apropriar os pontos fortes, os pontos fracos, as ameaças e as oportunidades. O facilitador da oficina desenvolverá o equilíbrio dos interesses do grupo e apresentará proposições evidenciadas pelos presnetes.

4	Generalização	Neste momento são retirados os elementos lúdicos e as abordagens imaginárias, passando a tratar do estado da arte (a realidade da tribo). O relator será o líder da tribo, que apontará as correlações entre o lúdico e as percepções imaginárias com o fato concreto. Recomenda-se utilizar como recurso a oralidade, a análise das semelhanças e das divergências e a crítica da conformidade segundo a sua tradição e a cultura conhecida.
5	Aplicação	Neste momento são consideradas as possibilidades e a forma como validadas pelo grupo tribal. São afirmados os compromissos segundo a tradição das lideranças indígenas. Recomenda-se utilizar como recurso a oralidade.
6	Encerramento	Neste momento uma etapa do jogo será encerrada. O facilitador recolherá os papéis de trabalho para anotações e possíveis registros para oficinas futuras.

Fonte: Adaptado de GRAMIGNA (2007).

REFERÊNCIAS

- ALIMONDA, Héctor. **Ecología política, naturaleza, sociedad y utopía**. Argentina: CLACSO, 2005. p 173. Disponível: <http://site.ebrary.com/lib/bibliouaasp/Doc?id=10084073&ppg=174> Acesso em: 22/11/07.
- DESCOLA, P. & PÁLSSON, G. **Nature and society. Anthropological perspectives**. London: Routledge, 1996, pp. 1-22.
- FOUCAULT M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- GUARAGNA, Eduardo Vieira da Costa. **Desmistificando o aprendizado organizacional**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

GRAMIGNA, Maria Rita. **Jogos de empresa**. São Paulo: Pearson Prentice hall, 2007.

PEDRO FILHO, Flávio de São. **Ecoturismo na Bahia: um estudo de caso na Brasília**. Florianópolis: UFSC, 2004.

PEDRO FILHO, Flávio de São. **Juegos Cognitivos en el proceso decisorio**. InterScience Place. v. 02, p. 1-28, 2009. Disponibilizada no site <http://www.interscienceplace.org/index.php/interscienceplace/article/viewArticle/78>

RIBEIRO, Berta G. **O índio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Berta G. Ribeiro, 2000.

NOTAS

ⁱ Doutor em Gestão de Empresas. Pesquisador no eixo das Ciências Sociais Aplicadas à Administração de Sistemas Auto Sustentáveis. Professor em nível de graduação e pós-graduação.